

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O SUJEITO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Verli Fátima Petri da Silveira*
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Essa noção, a de sujeito, na verdade está suposta em toda reflexão que procure problematizar qualquer prática do conhecimento (Orlandi, 1996a, p. 76).

RESUMO: Este texto apresenta uma análise do tratamento dado ao sujeito na Lingüística do século XX a partir de Saussure. A autora compara as diferenças no modo de inclusão da subjetividade nas teorias lingüísticas e na Análise de Discurso Francesa (AD), chamando a atenção para a ampliação que a AD, com a tomada do sujeito como afetado pela ideologia e dotado de inconsciente, realiza no campo teórico e metodológico dos estudos da linguagem.

ABSTRACT: This text presents an analysis of the treatment given to the subject in 20th century Linguistics since Saussure. The author compares the differences in the way of including subjectivity in linguistic theories and in French Discourse Analysis (AD), calling our attention to the broadening that AD, with the consideration of the subject as affected by ideology and having an unconscious, realizes in the theoretical and methodological field of language studies.

O presente artigo tem por objetivo propor uma reflexão sobre a importância da noção de sujeito no avanço dos estudos da linguagem, sua presença/ausência no campo teórico da Lingüística Moderna, fundada por Ferdinand de Saussure; bem como as reiteraões/alterações de sentido que tal noção sofre no decorrer do século XX, até chegar à Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux¹. Nosso recorte tem como ponto de partida o espaço destinado/negado ao sujeito na concepção saussuriana; passa rapidamente por teóricos que deram seqüência aos estudos de Saussure, ora aproveitando suas descobertas, ora refletindo sobre possíveis lacunas que o corte epistemológico de Saussure² pudessem ter deixado. Dentre eles, destacamos Chomsky, Labov e Benveniste,

para finalmente chegar a Pêcheux. O “fio condutor” da reflexão que propomos é o sujeito: sua ausência/presença, seu centramento/descentramento, sua unidade/dispersão, suas relações com a linguagem e a história, mas levamos em consideração também o fato de que “o sujeito está de alguma forma, inscrito no texto que produz”²³.

Saussure nos deixou inúmeras contribuições lingüísticas e suas idéias suscitam calorosas discussões até hoje, mas a grande ruptura que seu trabalho provocou foi em relação à definição do objeto de estudo da Lingüística Moderna. O respeitável corte epistemológico proposto por ele, inicialmente caracteriza a linguagem como “multiforme e heteróclita (...) ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica”²⁴ para então diferenciar linguagem de língua, optando pela última. Assim, a linguagem vai ser definida como um sistema estabelecido, enquanto produto do passado, e dotado de uma evolução que a institui como ela se apresenta no momento da atualização, ganhando sua forma dicotômica que separa *langue* e *parole*, a primeira definida como sistema abstrato de regras, social, essencial e a segunda como uso dessas regras, individual e acessória. Para Saussure, a linguagem é heterogênea, enquanto a língua é homogênea e, portanto, passível de análise interna. Mas como eleger um objeto de estudo que compreenda o social e o individual definindo-o como homogêneo?

A resposta que Saussure encontrou para essa questão foi: ou se estuda o social que até se relaciona com outras instituições, mas se mantém “homogêneo”, ou a característica definida como “individual” acarretará um deslizamento para fora da homogeneidade prevista. Sendo assim, Saussure promoveu o corte que deixa de fora as questões relativas à *parole*, entenda-se aqui uma clara e objetiva exclusão das questões relativas à constituição do sujeito e do sentido na linguagem, higienizando assim o que compreendeu como objeto de estudo da lingüística: a língua. Em sua concepção, a língua faz a unidade da linguagem, ficando no âmbito da homogeneidade e do abstrato, sem considerar a exterioridade. O objeto da lingüística é uma língua onde podem ser examinadas as relações sistêmicas, abstraindo-se totalmente o uso. Ao fundar a lingüística com seu objeto de estudo tão delimitado, Saussure exclui o sujeito, elemento retomado somente bem mais tarde por outros teóricos de nosso século, no campo das Ciências de Formação Social, sobretudo, nos estudos da linguagem. É, pois, seguindo o percurso do sujeito que daremos continuidade ao nosso estudo que, a partir do corte epistemológico saussuriano, busca investigar como ele se ausenta ou se constitui nas principais correntes lingüísticas que se seguiram, deslocando-se e deslizando até chegar à rede nocional da Análise de Discurso de Escola Francesa, assim como ela é concebida hoje.

Os estudos lingüísticos que sucederam Saussure podem ser, genericamente, reunidos sob o título de estruturalistas, embasados na concepção imanentista de língua, desenvolvendo mais as questões fonéticas e morfológicas. Chomsky, na década de 50, se destaca por desenvolver questões mais voltadas à sintaxe, embora ainda não ultrapasse o limite da frase. Sua teoria gerativista dá continuidade à concepção de língua homogênea totalmente dominada por um falante/ouvinte ideal, onde o que vai interessar à análise lingüística é a competência e não o desempenho individual.⁵ Enquanto não há espaço para semântica, para as questões ligadas à significação, o sujeito continua ausente.

Já Labov, entre os anos 60 e 70, começa a propor questões acerca desse falante/ouvinte ideal que domina uma língua que é abstrata e homogênea, observando como o componente social pode produzir diferenças no momento do uso da língua. Enquanto Chomsky propôs o par competência e performance preocupando-se com o primeiro elemento, Labov direciona seu olhar também para o segundo, abrindo espaço para o que ganharia o estatuto científico: a pragmática, a sociolingüística, a etnografia, etc..

Para Labov, determinados fatores sociais, tais como a classe de renda, o nível de escolaridade, o sexo, a etnia dos falantes, vão produzir variantes lingüísticas. Embora esta variação apareça sistematicamente bem determinada, não de maneira aleatória, mas sim constituindo o universal lingüístico de determinado grupo social, começa a ser questionada a homogeneidade da língua afirmada e reafirmada até então. Labov admite a heterogeneidade da língua, mas diz que por trás dela há uma organização específica, onde o estatuto social dos falantes de um determinado grupo e as variantes lingüísticas que eles utilizam são perfeitamente correlacionáveis, têm um modo sistemático de existir; isto é, individual, o sujeito ainda não tem seu espaço nessa teoria.

De fato, o sujeito, excluído pelo corte saussuriano, começa a conquistar seu espaço nos estudos da linguagem com o trabalho de Benveniste que propõe a teoria subjetivista da linguagem, abrindo um espaço para o sujeito, definindo-o como aquele que se apropria da língua e a atualiza. A teoria benvenistiana é inovadora e desempenhou importante papel na retomada das questões referentes ao sujeito e à significação, porque possibilita um deslocamento de sentido na concepção de linguagem, considerando o sujeito como elemento essencial. Para Benveniste⁶, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta a realidade, na *sua* realidade que é a do ser”, na qual o conceito de “ego”⁷ é fundamental na constituição do sujeito, o que nos remete a uma concepção de sujeito egocêntrico.

A subjetividade, proposta por Benveniste, é a capacidade de o locutor propor-se como sujeito, na qual o “ego” fundamenta essa subjetividade. O sujeito, nesta teoria, funciona como centro, a fonte de criação de enunciados no exercício da língua, mas esse sujeito só existe em relação de contraste: um “eu” que produz enunciados em função da existência de um “tu”. Dessa forma, estabelece-se uma relação de reciprocidade, porque o “eu” direciona seu enunciado ao “tu” que, num outro momento, será o “eu”, e então o “eu” será dito “tu”.

A partir de Benveniste, a linguagem ganha a função de representar o mundo, por ser concebida como responsável pela constituição do sujeito. A língua, por sua vez, é concebida enquanto possibilidade: é o sujeito que dela se apropria e a atualiza. Neste ato, o que importa é a identificação da posição do sujeito, o que acontece a partir das marcas de “isto”/”aqui”/”agora”, que relacionam o sujeito com espaço e tempo. Isto quer dizer que, para Benveniste⁸, é nos pronomes pessoais e nos dêiticos que a revelação da subjetividade se apóia. Percebe-se, então, uma forte preocupação com as marcas lingüísticas formais da enunciação.

A mencionada atualização da língua se dá “na instância do discurso na qual “eu” designa o locutor”⁹ e é nessa instância que esse locutor se enuncia como sujeito, sendo que ele produz seu discurso direcionado a um “tu” na posição de alocutário. O “eu” é a marca de sujeito fonte do seu dizer, caracterizado por sua homogeneidade e unicidade, pois mesmo estabelecendo uma relação necessária com o “tu”, ele exerce a posição de transcendência, posição essa que ressalta a superioridade do “eu” sobre o “tu”. A teoria da subjetividade, proposta por Benveniste, tem inquestionável valor teórico de inovação, pois marca a inserção do sujeito nos estudos da linguagem. No entanto, essa concepção de sujeito como ser onipotente, centrado, fonte do seu dizer é bastante questionada pelos teóricos que buscaram sair da unidade da frase para analisar o texto ou o discurso.

Surgiram nessa mesma época as primeiras reflexões que fundaram a Lingüística Textual e a Análise do Discurso suplantando as correntes lingüísticas que se limitavam à análise da frase como unidade máxima. O objeto da Lingüística Textual como o próprio título já diz é o texto, essa corrente teórica avança no sentido de propor uma expansão que ultrapassa o limite da análise da frase, embora limitando-se à concepção de língua como um sistema de regras abstrato, social e essencial. Portanto, o texto analisado pela Lingüística, único em suas relações internas de coesão e coerência, não se relaciona necessariamente com elementos da exterioridade, sendo observado ainda como unidade nos aspectos fonéticos, morfológicos e, sobretudo, sintáticos.

A mudança do objeto de análise da Lingüística Tradicional para a Lingüística Textual não gerou tanta discussão como foi o caso da instauração do objeto de estudo da Análise do Discurso, que promoveu mudanças essenciais no modo de se pensar as questões de língua e de linguagem, expondo-as ao ponto de vista dos filósofos. Na verdade, a Análise do Discurso, em sua fundação, coloca-se “contra a tendência americana estruturalista – que considera o discurso como uma frase longa e a frase como um discurso curto”¹⁰, buscando superar o behaviorismo, o positivismo da lingüística estrutural e o idealismo cientificista da lingüística gerativa. Ao colocar-se contra as tendências anteriores, a Análise do Discurso passa a questionar o corte epistemológico saussuriano que exclui o sujeito e a significação, ocupando assim um espaço de tensão no limite do corpo teórico da Lingüística, tendo em vista que, como destaca Courtine: “para trabalhar com a categoria de discurso, é necessário ser lingüista e deixar de sê-lo ao mesmo tempo”¹¹. Ou seja, para discutir as questões relativas ao sujeito, o teórico (enquanto sujeito) também ocupa uma posição para produzir conhecimento, produzindo (re) formulações a partir de uma tomada de posição bem específica.

Podemos observar que os trabalhos da sociolingüística, fundada por Labov; da teoria da enunciação, fundada por Benveniste e, conseqüentemente, da análise do discurso de Escola Francesa, fundada por Michel Pêcheux, buscam, de formas distintas, resgatar a exterioridade que envolve a linguagem¹² e que foi deixada de lado pelo corte saussuriano. É inquestionável o fato de que Saussure foi o teórico que fundou a Lingüística Moderna, que delimitou o seu objeto de estudo (a língua) e excluiu as questões relativas ao sujeito e à significação da discussão, mas as questões relativas à exterioridade permanecem em aberto: que relações mantinha ele com a categoria de sujeito do texto ou do discurso? Por que ele não publicou seu Curso de Lingüística Geral? Por que ele é um sujeito teórico falado pelo “outro” (ou pelos outros, seus discípulos)? Talvez, a condição de sujeito (teórico) o incomodasse, sobretudo a tomada de posição do sujeito fundador de uma Ciência... Essas questões não estão postas aqui para serem respondidas, mas para suscitem mais reflexões sobre o sujeito, suas relações com a língua e com a exterioridade constitutiva do discurso.

Nos parece que o grande avanço teórico-metodológico, para se pensar nas questões relativas à constituição do sujeito, se dá no momento em que a língua passa a ser aceita como heterogênea, pois embora as correntes lingüísticas se detenham na análise da frase ou do texto como uma extensão da frase, abre-se a possibilidade de mudança de perspectiva, na qual o sentido se constitui na relação entre o histórico e o social, em que há espaço para se discutir as questões referentes ao sujeito.

Pêcheux deslocou a dicotomia língua/fala, proposta por Saussure, distinguindo língua/discurso e concebendo o primeiro elemento como condição de possibilidade do segundo.

O quadro epistemológico da Análise do Discurso, entre a década de 60 e a de 70, numa atmosfera francesa de muitos questionamentos políticos, históricos, filosóficos e psicanalíticos acerca do processo de produção da linguagem abrangendo a área da lingüística e das ciências de formação social. O quadro epistemológico da análise de Discurso de Escola Francesa (doravante AD) instaura-se na articulação de noções advindas de três regiões do conhecimento científico, haja vista: o materialismo histórico (enquanto teoria das formações sociais, suscetível às transformações que os elementos ideológicos podem produzir); a lingüística (enquanto superfície onde é possível observar os processos discursivos) e a teoria do discurso (enquanto teoria da determinação histórica dos processos semânticos). É importante ressaltar que essas regiões do conhecimento articulam-se a uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica). Assim, articulada às questões do inconsciente e atravessada pela ideologia instaurou-se a disciplina que, mais recentemente, Orlandi (1996c) denominou “disciplina de entremeio” por constituir-se nesse lugar produzido pela relação contraditória existente entre as regiões do conhecimento acima citadas.

Situar-se no quadro teórico-metodológico da AD não significa estar num lugar de aplicação de outras disciplinas, mas sim num lugar que se constitui admitindo a contradição entre as disciplinas, aproveitando-se delas ao revés. O trabalho do analista de discurso inscreve-se no entremeio, contestando a redução, pensando um lingüístico que não é da Lingüística embora suponha sua existência. Em AD, estabelecem-se as devidas relações entre discurso, ideologia e linguagem, tendo por base a noção de materialidade – sem separar linguagem e sociedade na história.

Na verdade, refletir sobre o sujeito, num breve artigo como este, significa levantar algumas questões que certamente merecem mais aprofundamentos, tanto por parte de lingüistas quanto por parte de analistas de discurso. Já encaminhando nossa reflexão para o final, nos detemos na noção de sujeito constitutiva da teoria do discurso e as relações dessa noção com as outras teorias mencionadas até o momento. Nos inscrevemos na AD e isso implica pensarmos no sujeito como dotado de inconsciente e atravessado pela ideologia, enquanto presença essencial na teoria do discurso, pois sua constituição está imbricada à constituição do sentido no discurso. Pêcheux se propõe a pensar sobre o sujeito a partir de uma teoria não-subjetiva da subjetividade¹³, na qual o sujeito acredita na evidência e na unidade do seu dizer porque não se dá conta de sua condição de “assujeitado”¹⁴ à ideologia e afetado pelo “incons-

ciente”¹⁵, uma vez que o sujeito, como origem do sentido, é uma ilusão. Trata-se de uma ilusão necessária e inconsciente: primeiro, o sujeito tem a ilusão de ser a origem e a fonte do seu dizer, o que configura o esquecimento nº 1: o sujeito esquece de que todo e qualquer discurso é sustentado pelo já-dito; segundo, o sujeito tem a ilusão de que sabe exatamente o que diz, esquecimento nº 2: o sujeito esquece a dispersão e a multiplicidade de sujeitos que o caracterizam. O sujeito, então, constitui-se sobre uma base imaginária que lhe autoriza um dizer e lhe desautoriza outros dizeres, mas essa afirmativa implica, no mínimo, uma discussão sobre as noções de interdiscurso, formação discursiva¹⁶, formação ideológica e formação imaginária, o que não caberia no espaço desse artigo.

A fundação da AD, então, é marcada pela presença de um sujeito que deixa de ser o centro e a origem do seu dizer, passando a uma categoria que funciona como efeito produzido pela ideologia no discurso. A partir dessa premissa, tomamos o discurso como produção de um sujeito dotado de inconsciente e determinado pela exterioridade; em função disso, consideramos a linguagem em sua materialidade. Essa noção de sujeito é fundadora no interior do quadro epistemológico da AD, sendo mobilizada nos trabalhos que estamos realizando atualmente, mas acrescenta-se a ela uma outra face desse sujeito: uma face contraditória, que revela o “sujeito moderno-capitalista”¹⁷. Esse sujeito que, por um lado, não é a origem de seu dizer, é assujeitado à ideologia dominante e é afetado inconscientemente pelos saberes próprios de uma determinada Formação Discursiva, na qual se inscreve prioritariamente; por outro lado, é um sujeito responsabilizado juridicamente pelo discurso que produz. A reflexão que Orlandi faz sobre a categoria de sujeito proposta inicialmente por Pêcheux nos coloca diante de uma noção de sujeito que contempla a submissão e a “liberdade” como constitutivas, pois esse sujeito é, ao mesmo tempo, “determinado (pela exterioridade e determinador (do que diz)”, caracterizando-se como cidadão responsável por seus atos e palavras. O sujeito é, portanto, ao mesmo tempo assujeitado a elementos exteriores e individualizado pelo Estado, que lhe exige coerência, unidade e auto-controle, em sua vida social.

Em nossa concepção, há, sem dúvida, posições que o sujeito assume ao manifestar-se, representando uma posição determinada ideologicamente. Por isso, essa “liberdade” do sujeito que é individualizado pelo Estado não passa de um efeito imaginário produzido pela ideologia. Há uma intrincação entre discurso e ideologia que legitima a condição do sujeito enquanto descentrado, lacunar, disperso, múltiplo, o que reafirma a caracterização material do discurso e do sentido, tendo em vista que a unidade do sujeito é da ordem do imaginário. Assim sendo, a responsabilização do sujeito enquanto cidadão que tem direitos e deveres sociais

também é um efeito das relações imaginárias que promovem a dita “normalidade” da vida em sociedade. Essa responsabilização não faz do sujeito um ser dotado de vontades e intenções, livre do assujeitamento ideológico e totalmente consciente de seus atos e suas palavras; ocorre exatamente o contrário, pois o funcionamento dessas relações imaginárias legitima ainda mais a tese do necessário assujeitamento ideológico para a constituição e instituição do sujeito e do sentido no discurso.

Já direcionando a reflexão para as considerações finais, importa dizer que ao retomarmos a noção de sujeito desde o corte saussuriano até a AD, tal como ela é concebida atualmente, mobilizamos elementos teóricos e metodológicos que nos levam às seguintes conclusões gerais:

- 1) Saussure, mesmo não assumindo a sua condição de sujeito teórico, fundou a Lingüística Moderna. Ele optou por excluir o sujeito (e isso não se deu por acaso) por uma necessidade metodológica (e, talvez, existencial), o que não tira o mérito da questão;
- 2) As noções elementares que constituem a Lingüística Moderna, cunhadas por Saussure, no início do século XX, já foram e têm sido constante objeto de investigação de estudiosos da área da Lingüística e das Ciências de Formação Social. Com a AD não é diferente, o retorno a Saussure é inevitável, muito embora a posição do analista de discurso revele sempre outras posições-sujeito que privilegiam o entremeio;
- 3) A noção de sujeito, tratada de diferentes maneiras por cada autor aqui mencionado, caracteriza-se pela mobilidade de categoria presente/ausente/presente nos estudos da linguagem. Enfim, seja qual for a teoria, é sempre válido refletir sobre a noção de sujeito, sobretudo quando é possível romper com o que está pré-estabelecido em prol da fundação de novos lugares teóricos e metodológicos, mesmo que isso implique o desconforto e a tensão que o novo pode produzir;
- 4) Admitir a noção de sujeito atravessado pela ideologia e dotado de inconsciente, que passa de indivíduo a sujeito para poder manifestar-se no mundo social do qual é parte constitutiva, implica a ampliação do campo teórico e metodológico dos estudos sobre o sujeito na linguagem. É preciso pôr em relação de tensão as questões relativas à linguagem e as questões anteriormente discutidas apenas pelas ciências de formação social - tais como as noções de história, de ideologia, de inconsciente, para destacar algumas -

numa busca incessante da desconstrução do modelo de compartimentalização do conhecimento científico, que reinou absoluto durante muito tempo.

Notas

* Doutoranda em Letras

¹ Cf. Pêcheux 1993, 1995.

² Cf. Haroche et al., 1971.

³ Orlandi, 1996a, p. 76.

⁴ Saussure, 1995, p. 15.

⁵ Cf. definição chomskyana de *competence/performance*.

⁶ 1995, p. 286. Estamos utilizando a 4ª ed. brasileira, sendo que a 1ª ed., em Francês, data de 1966.

⁷ Para Benveniste, “ego” é utilizado no sentido do “eu”, enquanto sujeito dono do seu dizer.

⁸ Idem, p. 288.

⁹ Id. ib., p. 288

¹⁰ Orlandi, 1994, p. 298.

¹¹ 1999, p. 18. O original francês data de 1981.

¹² Cf. Orlandi, 1996b, p. 111.

¹³ Em contraponto com a teoria da subjetividade, proposta por Benveniste.

¹⁴ Numa concepção althusseriana do termo.

¹⁵ Numa concepção lacanianiana do termo.

¹⁶ Noção cunhada por Foucault, 1995.

¹⁷ Orlandi, 1999, p. 22.

Referências bibliográficas

- BENVENISTE, E. (1995) *Problemas de lingüística geral I*. Trad. Maria Novak e Maria Luisa Néri; rev. Prof. Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas, SP: Pontes.
- CHOMSKY, N. (1978) “Aspectos da teoria da sintaxe”. (Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, Mass., 1965, The M.I.T. Press, pp. 3-62). *Textos selecionados* (Ferdinand de Saussure; Roman Jakobson; Louis Trolle Hjelmslev; Noam Chomsky). Trad. Carlos Vogt et al.. 2. ed. São Paulo: Abril.
- COURTINE, J-J. (1999) “O chapéu de Cémentis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político”. IN: DURSKEY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Orgs.) *Os múltiplos territórios da Análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzato. P. 15-22.
- FOUCAULT, M. (1995) *A arqueologia do saber*. 4. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense.
- HAROCHE, C. et al. (1971) “La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours”. *Langages*, nº 24, p. 93-106.

- LABOV, W. (1976) *Sociolinguistique*. Présentation de Pierre Encrevé. Paris: Editions de Minuit. Collection Le sens commun, dirigé par Pierre Bourdieu.
- ORLANDI, E. P. (1994) “*O lugar das sistematicidades lingüísticas na Análise de Discurso*”. D.E.L.T.A. São Paulo: EDUC, N° 2, vol. 10. p.295-307.
- _____. (1996a) *Discurso e leitura*. 3. Ed. São Paulo: Cortez/UNICAMP.
- _____. (1996b) *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes.
- _____. (1996c) *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1999) “Do sujeito na história e no simbólico”. Escritos n° 4. Contextos Epistemológicos da Análise do Discurso. Campinas: LABEURB/UNICAMP. p. 17-27.
- PÊCHEUX, M. (1993) “Análise Automática do Discurso (AAD-69)”. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et al. Campinas: UNICAMP. p. 61-161.
- _____. & FUCHS, C. (1993) A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et al. Campinas: UNICAMP. p. 61-161. p.163-252.
- _____. (1995) *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: UNICAMP.
- SAUSSURE, F. de. (1995) *Curso de Lingüística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.

Palavras-chave: sujeito, Lingüística, Análise de Discurso Francesa
Key-words: subject, Linguistics, French Discourse Analysis